

Feminismo e anarquismo nos anos 1920: um diálogo entre Rachel de Queiroz e Maria Lacerda de Moura

NATÁLIA DE SANTANNA GUERELLUS¹

Em janeiro de 1927, Rachel de Queiroz acabara de completar dezesseis anos. Desfilava seus cabelos pouco abaixo dos ombros, formado por longos caixos castanho-escuros sobre um rosto redondo e sério de menina moça, recém-saída da Escola Normal. Formara-se aos quinze anos no Colégio Imaculada Conceição, onde já escrevera alguns artigos para o periódico da escola. Ao longo do ano, passado entre a capital, Fortaleza, e as terras da família, no município de Quixadá, trocava bilhetes com sua melhor amiga, Alba Frota, comentando os livros que estava lendo, de Dante Alighieri, Joaquim Manoel de Macedo, Machado de Assis, Eça de Queiroz. Preferências literárias que dividia com a mãe, grande incentivadora e crítica. Ela mesmo encomendava revistas francesas e lia, sempre que possível, os periódicos do centro-sul do país, especialmente Rio e São Paulo, mantendo a família atualizada com as novidades literárias que vinham destas capitais desde o começo da década.

Fortaleza era, então, a sétima capital do país em número de habitantes, ainda que contando com pouco mais de cem mil, enquanto os dois primeiros lugares eram ocupados por Rio e São Paulo, explodindo já suas fronteiras em mais de um milhão de pessoas. Se não tinha população comparável à capital do país, Fortaleza tinha, no entanto, problemas parecidos em relação ao saneamento básico, transportes, pobreza e a falta de moradias populares. Entrava no rol dos estados brasileiros que tentavam reformar suas capitais e criar um ambiente salubre *à la française*.

¹ Doutoranda em História Social da Cultura, pela Universidade Federal Fluminense. Bolsista REUNI (Sesu/MEC).

Alguns espaços constituíam o centro das atividades da alta classe, como o Passeio Público, onde as melindrosas desfilavam seus redondos tornozelos cercados por uma meia fina e transparente, junto a vestidos cada vez mais modelados ao corpo, cabelos à *garçonne* e chapéus inspirados nas últimas modas de Paris, muito bem ilustrados pelas revistas importadas.

Já o centro intelectual e cultural ficava na famosa Praça do Ferreira, centro de disputas políticas e polêmicas intelectuais. Nomes de políticos e jornalistas, como o de Júlio Ibiapina, Demócrito Rocha e Paulo Sarasate circulavam nas bocas e nas calçadas, referindo-se, principalmente aos polêmicos periódicos anticlericais e modernistas, que disputavam os leitores da conservadora Fortaleza de começos do século XX.

Assim como grande parte do país, e mesmo sendo um estado sem muitos recursos devido às suas condições geográficas, climáticas, políticas e econômicas, o Ceará era dominado pelas grandes famílias, donas de terra e da política. Consequentemente, grande parte dos jornais, grandes e pequenos, que circulavam pela capital e pelo interior, mantinham-se a serviço das facções políticas e/ou da Igreja.

É justamente para um dos veículos jornalísticos antipartidário e anticlerical que começava a circular na época, sofrendo embates diretos principalmente com os veículos católicos, que enviou Rachel uma carta, em 27 de janeiro de 1927. A jovem, sob o pseudônimo de Rita de Queluz, comentava o concurso de Rainha dos Estudantes Cearenses, vencido pela escritora e, não por coincidência, membro do jornal, Suzana de Alencar Guimarães. Se fosse uma carta comum não chamaria tanto a atenção, mas assim expressou a menina de dezesseis anos:

*Minha graciosa Majestade: quero primeiro dar-lhe os parabéns calorosos pelo triunfo que sua bela inteligência de mulher culta alcançou sobre a dolorosa mediocridade de nossas melindrosas. Nada mais justo que o ato das classes estudiosas do Ceará, elegendo-a. Mas, agora que vais ter sobre a fronte o diadema real, pergunto-me se são de fato os parabéns que lhe devo dar. Não os acha mal cabidos, dada a atual desvalorização do sangue azul? E já pensou quantos inconvenientes acarretam atualmente o cetro e a coroa?
(...)*

É por isso que avento a ideia de lhe mudarem o título: e em vez de ser chamada “Sua Majestade Suzana I, Rainha dos Estudantes Cearenses”, proclamem-na “Chefe do Soviet Estudantal do Ceará”. Rita de Queluz. (O Povo, 06/08/1930)

Num estilo jocosos, que manteve ao longo de toda a vida, a jovem Rachel de Queiroz foi logo reconhecida por detrás do pseudônimo e do selo vindo de Quixadá, devido à amizade que seu pai, Daniel de Queiroz, tinha com o dono do periódico, Júlio de Matos Ibiapina. Agradando os membros do jornal, logo convidaram-na a cooperar e, pouco mais de um ano depois, Rachel de Queiroz assumia a parte literária do periódico, adquirindo certa autonomia para convidar outros escritores e escritoras a cooperar.

Sua inserção, no entanto, não fora tão simples. Uma adolescente recém-saída da escola de freiras, escrevendo para um periódico anticlerical, reformador e antipartidário – chamado, inclusive, de *O Condenado*, pelos órgãos católicos -, não poderia ser visto como normalidade.

Em 29 de março de 1928, um articulista do periódico católico, *O Nordeste*, estampou em sua sessão uma crítica mordaz à moral da família e da própria Rachel de Queiroz, por ter escrito um texto referente à existência de vários nomes para Deus, assumidos em cada religião diferente (JÚNIOR, 29/03/1928). Em resposta, periódicos amigos do *O Ceará*, como *A esquerda*, *A Jandaia*, *O Povo*, saíram em defesa da jornalista, alegando preconceito e ridicularizando o comentário do articulista de *O Nordeste*. Enfim, mais uma polêmica estava criada.

De fato, uma adolescente de dezesseis anos, com o perfil de protesto que Rachel assumia cada vez mais, era fato raro de se encontrar por aquela época. Nascida em 1910, primogênita de uma família de proprietários de terras no interior do estado, marcada por tradicional participação política, Rachel não fugiria à regra. Aliás, como afirma em entrevista de 1986, “- ... menino criado em casa de intelectual, ou é intelectual também, ou é cretino...”². Cretina não era.

² Depoimento Acadêmico. Rachel de Queiroz. Entrevista a Maria Cláudia Bomfim. 05/06/1986. Diretor: Arnaldo Niskier. 75 min. AABL.

É justamente por este ano, mas já em outubro de 1928, que começa nossa história; quando a moça Rachel de Queiroz, preocupada com inúmeras questões típicas da juventude de seu tempo (caos político vivido pelo país, as diferenças sociais marcantes, os movimentos operários, o socialismo e o anarquismo que povoavam o imaginário da década de 20, a questão do sufrágio universal, da educação para todos, a emancipação feminina, etc.), concede especial atenção para a causa das mulheres. Não a causa feminista clássica de sua época, marcada pela briga relativa ao sufrágio feminino e dominada no espaço público pela figura de Bertha Lutz, mas a causa da emancipação feminina em todos os espaços, desde a voz pública até a liberdade sexual.

Na procura de uma voz feminina com autoridade e reconhecida em vários estados do país, Rachel se convenceu de que talvez nenhuma figura representaria melhor este debate do que a conhecida anarquista da época, Maria Lacerda de Moura.

Se Rachel tinha apenas dezessete anos quando convidou Maria Lacerda de Moura para escrever sobre suas últimas reflexões no jornal *O Ceará*, esta escritora, nascida em 1887 na fazenda Monte Alverne, município de Manhuaçu, Minas Gerais, já era reconhecida em vários estados brasileiros como uma das mais importantes vozes do anarquismo no centro-sul. Entre 1919 e 1935 podia ser lida e ouvida através de palestras e conferências em lugares como Juiz de Fora, Santos, Sorocaba, Barbacena, São Paulo, Rio de Janeiro, Buenos Aires e Rosário (LEITE, 1984: VII/VIII), além de ser constantemente lida na imprensa.

Apesar de ter nascido numa fazenda do interior de Minas Gerais, já no ano de 1891, seu pai foi transferido para a cidade Barbacena para trabalhar no Cartório de Órfãos, enquanto sua mãe auxiliava a economia doméstica vendendo doces. Iniciou seus estudos no Asilo de Órfãos da cidade e formou-se na Escola Normal em 1904, como grande parte das meninas com quem convivia.

Casou-se com um pequeno funcionário, Carlos Ferreira de Moura, com quem não teve filhos, apesar de ter adotado um sobrinho e uma menina órfã. Retomou a vida profissional de professora após o casamento, em 1908, e a de jornalista em 1912, vindo a discutir publicamente a questão da educação desde pelo menos 1918, quando lançou um livro chamado *Em torno da educação*. Diferentemente de Rachel de Queiroz, portanto, Maria Lacerda provinha de uma classe social de poucos recursos, sendo seu pai um livre pensador espírita e membro da maçonaria em Barbacena e, como afirma Miriam Moreira Leite: “A missão (de Maria Lacerda) de esclarecer as mulheres sobre sua situação de escravidão da família, do Estado e da Igreja foi desempenhada através de um enorme esforço autodidata e de um despojamento total das conquistas sociais que já alcançara” (LEITE, 2004: 342).

O contato de Lacerda com o anarquismo se deu a partir de 1919, quando o conhecido libertário mineiro, José Oiticica, visitou a cidade de Barbacena. Sendo conhecida na cidade por seu trabalho como professora e conferencista, Moura fez contato com jornalistas de Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo, mudando-se sozinha para esta última cidade aos 34 anos, e lá permanecendo como professora particular e jornalista até 1928.

É nesta cidade que Maria Lacerda conheceu o cotidiano da classe operária, majoritariamente imigrante e com forte presença organizativa dos anarco-sindicalistas. Para eles deu conferências e palestras e conheceu de perto uma classe que vinha crescendo desde o fim do Império, e conformando o crescente parque industrial paulista, segundo maior do país nesta época (FAUSTO, 1983). Ao mesmo tempo, enxergou os malefícios de um país dominado pela oligarquia paulista, explorando ao máximo a força de trabalho, tanto urbana quanto rural, em nome de um liberalismo político e econômico. Também neste tempo, participou de vários movimentos associativos femininos e feministas, como os que já havia conhecido ainda em Barbacena e em Santos. Estes movimentos tinham caráter filantrópico, político, sufragista ou profissional e, apesar de terem sido criticados posteriormente por Maria Lacerda,

compuseram sua reflexão sobre as diferenças de classe e gênero de seu tempo (LEITE, 1984: 10).

Como professora, em Barbacena (1918), Maria Lacerda participou dos esforços oficiais para enfrentar a questão social através de campanhas nacionais de alfabetização e reformas educacionais. Ao se mudar para São Paulo (1921), abandonou o ensino oficial e as associações femininas, para se envolver no movimento cultural que foi designado Proletcultura (LEITE, 1984: 15).

Depois de *Em torno da educação*, de 1918, as questões libertárias que passaram a invadir o pensamento de Moura voltaram-se cada vez mais para a situação social das mulheres e a crítica à moral sexual de seu tempo. Publica, neste sentido, *A mulher é uma degenerada?*, em 1924 e *Religião do Amor e da Beleza* em 1926. “Temas dificilmente discutidos por mulheres em sua época, como a educação sexual dos/das jovens, a exigência da virgindade feminina, o amor livre, o direito ao prazer sexual, o divórcio, a maternidade consciente e a prostituição figuram entre os mais importantes (temas), na extensa produção intelectual da polêmica escritora” (RAGO, 2013).

Em seu terceiro livro, especialmente, Moura proclama a elevação da mulher para além do corpo, na sociedade sua contemporânea, acusando a moral e a ciência burguesa de terem auxiliado na exclusão e subordinação da mulher, impedindo seu desenvolvimento psíquico e amadurecimento. No livro de 1924 discute diretamente com as teorias de Cesare Lombroso que predominavam no pensamento médico da época, questionando a dita inferioridade feminina provocada pelo tamanho de seu cérebro. Além disso, afirmou no livro de 1926 que a monogamia beneficiava exclusivamente o homem que consegue instruir-se até seu máximo, enquanto matém a esposa no lar, abdicando do direito de estudar e de pensar (RAGO: 09).

Moura, além de discutir o comportamento imposto às mulheres pela sociedade de seu tempo, discutiu também aquele imposto aos homens, incentivados a frequentar prostitutas, até mesmo como forma de manter a instituição familiar, criados para serem conquistadores amorosos e egoístas em seu comportamento. Uma outra dimensão das

críticas de Moura ainda nos anos 1920, aliada ao seu questionamento do Estado, dirigiram-se às correntes fascistas que adentravam o contexto brasileiro através de alguns imigrantes, principalmente italianos.

Devido a todas estas reflexões, especialmente por sua luta pela emancipação feminina, Maria Lacerda de Moura é considerada hoje expressão de um feminismo anarquista brasileiro. No entanto, em sua época, Moura fazia questão de se diferenciar e mesmo criticar o feminismo liberal e sufragista dos anos 1920 e 1930, mesmo tendo flertado com ele em um curto período.

A pesquisadora Margareth Rago lembra, em artigo onde compara Maria Lacerda de Moura à anarquista ítalo-uruguaia Luce Fabbri, a relação que o anarquismo estabeleceu com o feminismo desde seus mais antigos ideólogos, lembrando o caso de amor clássico do século XIX inglês, entre a escritora Mary Woolstonecraft e o político William Godwin, considerado um dos pensadores que mais vai influenciar o pensamento anarquista a partir de finais do século XIX³. Rago considera o anarquismo como um movimento que teve, desde o começo, uma participação crítica feminina, lutando contra o capitalismo ao mesmo tempo em que lutava pelo fim da violência contra a mulher e a favor de sua participação na esfera pública (RAGO: 11). Isto não querendo dizer que não houvessem vozes contrárias.

A partir de 1928, Moura estabelece contato com a obra do anarquista individualista Han Ryner (1861-1938), filósofo marcado pelo estoicismo. Inspirada nele e em sua obra *O amor Plural*, Moura começará a desenvolver a ideia para o contexto brasileiro, com ênfase no comportamento feminino, exortando a necessidade do amor livre, tanto para homens como para mulheres. Este amor livre não estaria associado à promiscuidade, mas significaria, em seu contexto, a plena liberdade de amar para mulheres e homens, um amor que seria capaz até de eliminar os crimes passionais, os ciúmes, o desejo de vingança, a prostituição e as opressões de gênero (RAGO:09).

³ Ver: WOODCOCK, George. *Anarquismo: uma história das ideias e movimentos libertários*. Vol. I. Porto Alegre: L&PM, 1983.

Maria Lacerda, com seus cabelos *à garçonne*, sobrancelhas grossas e lábios finos, tinha uma experiência política de cerca de uma década em 1928, tempo em que decidiu isolar-se da sociedade paulista, afastar-se dos comunistas e anarquistas desta cidade, e experimentar uma vida libertária na Colônia de Guararema, São Paulo, fundada ainda no século XIX por Artur Capagnoli. De lá passou a cooperar com o jornal *O Combate*, de São Paulo e a produzir reflexões filosóficas com forte influência do francês A. Néblind, seu mentor na colônia.

Como várias mulheres que adentraram o espaço público de seu tempo, sofreram inúmeras críticas e preconceitos, além de manifestações de repúdio público a suas posições. Um exemplo que marcou sua trajetória aconteceu justamente no ano de 1928, quando a pensadora anarquista começou a questionar o pensamento autoritário fascista que tomava conta da Europa e que possuía seus representantes no Brasil e no contexto paulista que ela bem conhecia⁴. Já por essa época, seu pensamento amadurecia na direção de um incentivo da emancipação feminina, diferente daquela proclamada pelo feminismo sufragista, e contra a tirania do Estado autoritário, dos partidos e da Igreja.

Como desencadeadora da corrente antifascista, Moura enfrentou uma séria polêmica com os jornais da colônia italiana de São Paulo *Il Piccolo* e a *A Fanfulla*. “Esta polêmica chegou a movimentar estudantes de direito, provocou comícios e o empastelamento de jornais em sua defesa” (LEITE, 1984:57/58) .

É após este contexto, que inclusive auxiliou na divulgação do nome da pensadora mineira nos jornais de todo o país, que a jovem Rachel de Queiroz, responsável pela sessão *Jazz-band* de *O Ceará*, em Fortaleza, há milhares de quilômetros, chamou Maria Lacerda de Moura a cooperar com suas reflexões sobre Han Ryner e o Amor Plural.

⁴ Entre 1928 e 1937, inclusive, “pronunciou as conferências no Uruguai e na Argentina, a convite de instituições educacionais antifascistas; teve o encontro com Luis Carlos Prestes, exilado em Buenos Aires; fez as conferências pacifistas e desencadeou a campanha antifascista em São paulo, Santos, Campinas e Sorocaba”. LEITE, Miriam Moreira. *Op. Cit.* (1984) p. X.

O Ceará, quinta-feira, 13 de outubro de 1928

Maria Lacerda de Moura é o maior nome feminino do momento brasileiro. Marchando em pós um grande sonho, desdenhosamente incrédula das democracias, das pseudo-fraternidades, das religiões, dos grandes engodos da humanidade, porque vê mais longe e ambiciona um bem mais alto, ela já vislumbrou a verdadeira solução do problema humano. (...)

Eu ainda não compreendi o que quer Maria Lacerda de Moura; não percebi ainda qual o objetivo total de sua Reforma. (...)

Apenas compreendi o que ela não quer. Porque o que ela não quer e afasta eu o tenho também palpado e repellido, que isso, infelizmente nos está a tocar e a renojar diariamente não paira tão alto, lá onde brilham a Suprema Verdade e a Suprema Beleza, á onde ão buscar os Sócrates e os Han Ryner, os verdadeiramente sábios e os conscientemente santos. (...).

O Brasil que a apedrejou por vezes, aplaude-a comovido.

*E a mais vigorosa semonstração desse aplauso foi o gesto da mocidade paulista, nobre e generosa, que a desafrontou, que a exalçou, que caxotou a canzoada fascista ladradora e insolente, indo de encontro às polícias, às patas de cavalo, ao **dever de manter a ordem dos governos.***

É por meu intermédio que Maria Lacerda de Moura envia o seu verbo para o Ceará.

E isso tanto me rejubila e orgulha que o quero proclamar e espalhar e agradecer, na suprema vaidade de com a minha interferência, - de moço de recados, embora - de com minha interferência, colaborar também na sua obra de Evangelização e Beleza.

Rachel de Queiroz [grifos do original]

Neste artigo, alguns ideais da jovem cearense vêm-se representados na experiente mineira. Apesar de confessar não entender bem o programa - aliás, crítica muito comum na época aos escritos de Maria Lacerda -, Rachel se dispõe a compreendê-lo pela negativa, com a qual concorda.

No entanto, como não poderia deixar de ser: “ambas mulheres, ambas escritoras, ambas senhoras de brilhante talento, ambas padecentes de involuntária sofistaria...”, afirma o colunista Polybio, da *Gazeta de Notícias*, de Fortaleza, Ceará, a 19 de outubro de 1928. E continua:

Educada (Rachel de Queiroz), embora, em um meio espiritualmente acanhado, como o nosso, onde os homens pensam mal e as mulheres não pensam de maneira alguma, a revolucionária cearense não trepida em atirar ao aposento dos trastes imprestáveis instituições, normas e ideais que, para o

povo de sua e nossa terra, constituem a suprema aspiração dos que, no mundo moral, alguma coisa aspiram (...) (POLYBIO, 19/10/1928)

Repetindo uma crítica que circulava em toda a imprensa contrária a Maria Lacerda, o articulista Polybio - sobre quem tem-se poucas informações, destaca o ímpeto de destruição dos dizeres da pensadora mineira, ao passo que condena suas propostas como vagas e imprecisas, apesar de vindas de “duas almas boas, generosas e dedicadas, que sentem horror às cruas vulgaridades da vida”, ironicamente falando, claro.

De um lado, o conhecido envolvimento de Moura com correntes anarquistas e comunistas paulistas nos anos anteriores a 1928, acaba por associá-la à visão estereotipada deste tipo de movimento. É assim que Polybio acusa suas ideias de optarem pela “destruição”, sem construção. Como afirma Woodcock, o anarquismo não está necessariamente associado à violência, ao terrorismo e à destruição, apesar deste último nome ter sido utilizado por um dos personagens mais importantes do movimento, o pensador russo, Bakunin, a partir de 1870. Muito pelo contrário, inspiradores clássicos do anarquismo, como Godwin, Proudhon, Kropotkin e mesmo Bakunin tinham suas ressalvas ou completa rejeição ao uso da violência. Woodcock acredita que a má fama com que os anarquistas foram tratados ao longo da história, deve-se há um medo generalizado da liberdade (WOODCOCK, 1983: 13/14).

É o que revela o articulista da *Gazeta de Notícias* neste artigo crítico a Maria Lacerda e a Rachel de Queiroz, um medo da palavra “Revolução”. O autor afirma que seria muito bonito poder modificar todas as injustiças e estabelecer uma sociedade mais “bela”, mas “gemendo, chorando ou rindo, o que é mais filosófico, temos de adaptar-nos ao planeta que nos coube por sorte”.

“Para que o movimento revolucionário gere progressos e produza vantagens, a primeira necessidade é que os revolucionários ou reformadores de antemão tenham traçado o seu programa de atividade”. Mais uma vez, o articulista enfatiza a falta de objetivos claros no “programa” de Maria Lacerda de Moura, demandando da autora e,

consequentemente, de sua defensora, Rachel de Queiroz, um programa claro de definição doutrinária.

Assim instaura-se a polêmica. E quem vai encará-la não é a própria Maria Lacerda mas, muito pelo contrário, Rachel de Queiroz. Logicamente, o que está em discussão não são somente os artigos da escritora mineira a serem publicados no *O Ceará*, mas também a legitimidade da voz feminina política neste periódico. Ao atacar o pernosticismo e inconsistência dos argumentos de Lacerda e Queiroz, Polybio está reforçando os argumentos que durante muito tempo mantiveram as mulheres fora do campo político, inclusive fora do campo da discussão política.

Por mais cerca de cinco artigos e dez dias de polêmica, Polybio passa a desafiar Rachel de Queiroz a provar seus conhecimentos sobre a obra e os ideais de Maria Lacerda de Moura, incitando-a a demonstrar sua capacidade argumentativa, moral e política sobre o assunto. A jovem escritora, por sua vez, cede ao movimento e, num ímpeto caracteristicamente juvenil, de quem está disputando espaço num campo intelectual hostil, passa a resumir e citar cada um dos livros e alguns artigos publicados por Maria Lacerda de Moura até então.

Encerrando a polêmica, em 18 de novembro de 1928, por conta também do aniversário de Rachel de Queiroz no dia anterior, a pensadora anarquista escreve uma carta aberta para o periódico *A manhã*, dizendo: “Bela estreia de polemista! E o meu infinito reconhecimento pela sua atitude admirável ante os ataques de que fui alvo. Não sei o que disseram de mim e nem mesmo me interessa o ataque ou o jornalista. Mas, o seu gesto, me encantou” (MOURA, 18/11/1928). Segue apresentando e defendendo seu programa que, de fato, afirma não quer estabelecer uma doutrina fixa ou um propósito definido.

Para além destes documentos constituírem um testemunho das tramas envolvendo o campo intelectual entre homens e mulheres no começo do século XX no

Brasil, as fontes também demonstram o contato que a jovem Rachel de Queiroz teve com o pensamento anarquista de sua época e, especialmente, o pensamento de Maria Lacerda de Moura. As reflexões da escritora mineira acerca da emancipação feminina e individual, a luta contra a opressão do estado, da Igreja, dos partidos políticos e do capitalismo, vão, portanto, marcar sobremaneira a juventude racheliana.

Neste sentido, à guisa de conclusão, cabe uma pergunta sem resposta, àqueles leitores interessados na trajetória de Rachel de Queiroz: Quais as referências que a autora cearense pode ter utilizado para descrever Conceição, personagem de *O Quinze*, escrito por Rachel em 1929 sob a luz de um candeeiro nas madrugadas de Fortaleza? Não seria talvez Conceição, jovem voluntariosa, solteira por opção, educadora por ideal, mãe adotiva por vontade própria, uma personagem inspirada nas várias mulheres emancipadas de seu tempo? Ou talvez em Maria Lacerda de Moura?

BIBLIOGRAFIA

A formosa oração de Suzana de Alencar Guimarães, na Festa a Rachel de Queiroz. **O Povo**. 06.08.1930. ABPF.

Depoimento Acadêmico. Rachel de Queiroz. Entrevista a Maria Cláudia Bomfim. 05/06/1986. Diretor: Arnaldo Niskier. 75 min. AABL.

FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e Conflito Social (1890-1920)*. São Paulo: Difel, 1983.

JÚNIOR, Netto. Coluna Às Quintas. *O Nordeste*. 29/03/1928.

LEITE, Miriam Moreira. Maria Lacerda de Moura: trajetória de uma rebelde. Entrevista a Mônica Raisa Schpun. Publicada em Campinas: *Cadernos pagu* (22) 2004: p.329-342.

LEITE, Miriam Moreira. *Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura*. Ensaios 112. São Paulo: Editora Ática, 1984.

MOURA, Maria Lacerda. Carta aberta aos dezessete anos maravilhosos de uma cearense: minha nobre amiguinha Rachel de Queiroz. *A Manhã*. 18/11/1928.

POLYBIO. Ecos & Fatos. *Gazeta de Notícias*. Fortaleza, Ceará. 19/10/1928.

RAGO, Margareth. Entre o anarquismo e o feminismo: Maria Lacerda de Moura e Luce Fabbri. Disponível em: <http://www.nu-sol.org/agora/pdf/margarethrago.pdf>

Visualizado em 24/03/2013.

WOODCOCK, George. *Anarquismo: uma história das ideias e movimentos libertários*. Vol. I. Porto Alegre: L&PM, 1983.